

APRESENTAÇÃO

Do valor da experiência construída na Extensão Acadêmica

Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Ao iniciar esta apresentação do volume 1 número 2 de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, urgia definir qual seria o eixo condutor que permitiria interligar os diferentes textos aqui compreendidos. Tal desafio é uma constante quando se trata de publicações interdisciplinares, cujo escopo é abrangente e nem sempre se sobressai um tema específico. No entanto, tratar do próprio caráter interdisciplinar ou de alguns dos inúmeros aspectos positivos construídos por meio da participação em qualquer das modalidades de Extensão universitária – cursos, projetos, eventos, práticas curriculares, entre outras – já seria uma opção a considerar, visto que são temas que se destacam na agenda universitária nacional e, ademais, seja qual for a realidade em que se dê a intervenção extensionista, o ganho humano e acadêmico é notório, a despeito dos empecilhos e desafios que a realidade ofereça, o que também já credencia essa discussão.

Feita a leitura e organização dos artigos compilados, salientaram-se, *a priori*, dois aspectos que se fazem transbordantes nos vários artigos constitutivos deste segundo número, bem como na resenha (cuja autora se debruçou sobre uma obra bastante cara aos que se dedicam à Extensão, produzida pelos professores Lazier e Valentin, do Forext), e que também comparecem, de forma instigante, na entrevista concedida pelo sociólogo Marcelo Baumann Burgos, grande pesquisador / extensionista brasileiro: a relação teoria e prática e as experiências creditadas (creditáveis) à vivência da Extensão.

Constituindo um dos vértices da tríade universitária, ao lado da Pesquisa e do Ensino, somente nas últimas décadas a Extensão vem angariando adesões importantes, que se traduzem na formulação e implementação de regulações legais (como a portaria que trata da carga horária a ser destinada às práticas extensionistas). Para o reconhecimento do valor e da contribuição desta dimensão à formação pessoal, acadêmica e profissional dos universitários, foi preciso (é preciso, ainda!) trilhar um longo percurso, repleto de fluxos e contrafluxos, de

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Adjunta do CESPUC. Coordenadora editorial da Revista Scripta e editora dos Cadernos CESPUC de Pesquisa, da Conecte-se! Revista Interdisciplinar e da Revista do ICH. Coordenadora de Gestão do PIBID PUC Minas.

avanços e recuos, pois as demandas econômicas imperam sobre outros campos da vida social e determinam currículos, percursos, modos de ser e de viver... É bem aí, num pequeno nicho de resistência à desumanização provocada pela luta inglória pela sobrevivência que a Extensão pode ajudar a ressignificar ações, práticas e teorias.

Em alentada discussão sobre o papel (os papéis) da universidade contemporânea, Síveres (2006), entendendo a premência de uma universidade que esteja visceralmente comprometida com a sociedade contemporânea, a caracteriza, idealmente, como “uma célula” da dinâmica social, isto é,

como uma instituição que tem como inspiração o ato de filosofar e que o seu “modo de ser social” seja explicitado pelo seu compromisso como um empenho por justiça. Contextualizando, porém, a universidade como uma instituição social, na qual se encontram os vetores da técnica e da ética, da ciência e da filosofia, da disciplinaridade e da transdisciplinaridade, alguns elementos podem ser destacados para revelar a missão que lhe cabe nessa trajetória. Esses aspectos não são finalísticos, mas indicadores de uma conjuntura sociocultural, dentro da qual, segundo Fernando Pessoa, “navegar é preciso”.

Nesse percurso se constata que a sociedade contemporânea não está definida, mas se encontra numa travessia. Ela não mudou na passagem do milênio, mas está em constante mutação. Isso coloca a história atual sob o prisma da mudança, fato que contribui para a humanidade esteja em constante movimento, possibilitando, por um lado, avançar para tempos, espaços e movimentos mais civilizados, mas corre-se, também, o risco de aprofundar a exclusão social e a barbárie humana. (SÍVERES, 2006, p.151-152)

“Navegar é preciso”, muitas vezes em águas turbulentas. Como recorda Síveres, vivemos sob a égide da impermanência, da mutabilidade, da necessidade do aprender a aprender, muito mais do que do aprender conteúdos e conhecimentos prontos.

Na mesma direção, Boaventura Santos (2008) afirma que

Recorrendo à teoria sinérgica do físico teórico Hermann Haken, podemos dizer que vivemos num sistema visual muito instável em que a mínima flutuação da nossa percepção visual provoca rupturas na simetria do que vemos. Assim, olhando a mesma figura, ora vemos um vaso grego branco recortado sobre um fundo preto, ora vemos dois rostos gregos de perfil, frente a frente, recortados sobre um fundo branco. Qual das imagens é verdadeira? Ambas e nenhuma. É esta a ambiguidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita. Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. (SANTOS, 2008, p.14-15)

Nesse contexto, a Extensão encontra seu nicho e ganha sentido: é um retorno às coisas simples, porque autênticas, sem falseamentos; com o olhar límpido e a percepção acurada de que não há uma verdade, apenas, os extensionistas (graduandos, professores) e também a comunidade envolvida podem compreender, atestar e ressignificar a pluridimensionalidade do conhecimento humano. Por meio da interlocução com as diferentes realidades e suas especificidades, nas diferentes áreas em que se implementam os projetos e práticas extensionistas, vemos o desabrochar de relações, a coconstrução de conhecimentos e saberes, o trânsito de diferentes “modos de ser social”, que acabam por se imbricar e se inter-relacionar.

Por essa peculiaridade integrativa da Extensão – que medeia as relações de (re)criação de conhecimentos advindos da pesquisa e cruciais a um ensino atestado com as demandas da realidade contemporânea –, esta se torna, cada vez mais, um *locus* especial na vida acadêmica, que propicia condições e ambiências ímpares para a aprendizagem (em suas variadas dimensões – culturais, pessoais, éticas, etc.).

A confrontação da teoria estudada nos cursos com a prática vivencial, singular, com os diferentes sujeitos, em seus tempos e espaços, numa verdadeira aprendizagem pela troca, em alternância e constância, produz e sustenta movimentos que vão rompendo os fossos existentes entre os espaços da academia e os dos agrupamentos sociais diversos. Tudo isso tira a universidade de sua zona de conforto e mostra a seus diversos agentes a visceral importância da alteridade, a perspectivação de novos mundos, universos até então paralelos que passam a se imbricar. Assim, a Extensão é a melhor propulsora de condições para que seus atores tenham experiências significativas.

Num site eletrônico, a uma rápida busca, consta que

Do latim *experientia*, experiência é a ação e o efeito de experimentar (realizar ações destinadas a descobrir ou comprovar determinados fenômenos). O procedimento é bastante habitual no âmbito dos trabalhos científicos com o propósito de averiguar uma hipótese.

A realização de uma experiência implica a manipulação de diferentes variáveis que, segundo presumem os cientistas, constituem a causa do fenômeno que se pretende confirmar. Graças às experiências, as teorias tendem a encontrar apoio fático e explicações causais.

O resultado de uma experiência fornece validade (ou não) a uma teoria. Cada vez que a experiência é replicada (reproduzida) por outros cientistas e que se obtêm os mesmos resultados, essa validade é reforçada.²

² Disponível no site Conceito de. <https://conceito.de/experiencia>, Acesso em: 05/12/17.

Do ponto objetivo, de fato, há nesse verbete o necessário para compreender o que se entende por experiência. No entanto, não me basta tal acepção, que em muito valida o que seja experiência como empiria, como forma de aceder ao conhecimento científico e validá-lo. No caso dos saberes possibilitados pelas metodologias e modalidades da Extensão, acredito que ninguém jamais tenha falado melhor do que Jorge Larrosa Bondia, educador espanhol, cujas palavras sábias e poéticas instam a refletir (sobre) a vida contemporânea:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (...) Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (...). A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (BONDIA, 2002, P.21-22)

Magistralmente, Larrosa continua tecendo sua argumentação, mostrando que nos gabamos de viver numa “sociedade de informação”, altamente tecnologizada, repleta de informações a acessar, curtir e compartilhar, como se o “ter” mais informações automaticamente significasse ter mais conhecimentos; como se estar informado equivalesse a “ser” melhor do que outros, supostamente desprovidos desse “capital cultural”, pobres e carentes – como são considerados os desprovidos de “capital monetário”. Para ele,

Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. E não deixa de ser interessante também que as velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um look liberal democrático. Independentemente de que seja urgente problematizar esse discurso que se está instalando sem crítica, a cada dia mais profundamente, e que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível. (BONDIA, 2002, p.21-22).

Portanto, é possível pensar que o Ensino e a Pesquisa, desvinculados da Extensão, constituam uma antiexperiência. Sem a obrigatoriedade de “realizar ações destinadas a descobrir ou comprovar determinados fenômenos”, pode-se dizer que a prática extensionista ganha os contornos a que se refere Larossa – de legitimar, promover, organizar e validar o saber da experiência, seja dos graduandos e seus professores orientadores na academia, seja dos inúmeros mestres do povo, cujos saberes precisam e merecem dialogar com o que se produz na universidade.

Feito esse preâmbulo, em que salientei os valores da relação teoria e prática, bem como o salutar aporte de conhecimentos por meio das experiências extensionistas, ingressemos nas discussões que aqui refletem inúmeros olhares e intervenções sobre a realidade.

No primeiro artigo, “As gestantes usuárias de crack em situação de rua na cidade de Belo Horizonte: uma discussão de políticas e legislação a partir de vivências no Projeto Andanças”, a graduanda da Psicologia Noeme Albertoni e o professor Bruno Vasconcelos lançam um olhar sobre a situação de extrema vulnerabilidade em que vivem tais gestantes drogaditas, para as quais as leis preveem uma rede de apoio, bem como para seus bebês, mas a realidade evidencia a inexistência de suporte para umas e outros. Evidenciam, ainda, a contradição dos abrigos, que, em vez de garantia, acabam sendo palco de violações aos direitos das crianças, filhas de usuários de drogas, muitas vezes gerados nas ruas, sem quaisquer cuidados médicos ou suportes de qualquer natureza. Com dados atualizados do censo municipal, vale refletir com os autores sobre perspectivas de intervenção por meio de políticas públicas mais apropriadas ao problema.

Na sequência, com o artigo “Ações interdisciplinares no âmbito da APAC: (A)Penas Humanas, uma perspectiva do trabalho da Psicologia”, Karoline Silveira de Souza relata as bem-sucedidas experiências de sua atuação no projeto interdisciplinar desenvolvido na APAC de Santa Luzia. Por meio de diversos expedientes metodológicos (atendimento individual, rodas de conversas, plantão psicológico), os recuperandos (e não “presidiários” – aqui, a terminologia faz grande diferença) são atendidos de forma ética, em várias de suas demandas. Com um olhar sobre o acolhimento e outro sobre a responsabilização, o crescimento pessoal e a conscientização são frutos colhidos pelos sujeitos de ambas as pontas – instituição penal e academia.

Dentro do mesmo tema dos direitos humanos, o terceiro artigo, “Projeto de Execução Penal sobre Múltiplas Violências no CEAPA / MG: experiências e reflexões”, tem como autores vários profissionais Analistas Sociais do Programa Central de Acompanhamento a

Pena e Medidas Alternativas (Camila Amorim, Poliana Candido, Paola Alves e Rafael Carvalho), em parceria com a professora Fernanda Simplício (Curso de Psicologia / PUC). Esse grupo multidisciplinar traz à tona uma instigante discussão sobre a importância da atuação da universidade nas intervenções que sedimentam o desencarceramento de apenados, por meio do desenvolvimento de estratégias que promovem a conscientização sobre o dano provocado, as consequências dos atos delituosos e a autorresponsabilização, fomentando um sentimento de alteridade, com vistas à não reincidência do cometimento de atos violentos. Desde a concepção das intervenções, os alunos da disciplina ministrada pela professora Fernanda Simplício passam a integrar a equipe, auxiliando na elaboração, execução e avaliação de estratégias metodológicas que acolhem os diversos perfis de sujeitos envolvidos em situações infracionais que permitem a substituição por penas alternativas ou restritivas de direitos.

No quarto artigo, “Implantação da metodologia 5S em uma indústria de Minas Gerais fabricante de produtos eletromecânicos”, três estudantes de Engenharia de Produção (Bruna Barbosa, Idalina Carvalho, Raphaella Santos), coordenadas pela professora Alessandra Lopes Carvalho, realizam um estudo de caso em indústria mineira de pequeno porte, visando à aplicação de avaliação de ferramenta para melhoria da gestão da qualidade. A partir da observação dos processos produtivos e de entrevistas com os gestores, procuram adequar procedimentos e utilização de espaços na empresa, tornando-os mais eficazes e potencializando a gestão. Com atenção e respeito à cultura tácita e explícita da empresa, propõem estratégias simples e de grande aplicabilidade.

No quinto artigo, “Múltiplas visualidades geracionais: ensino, pesquisa e extensão universitária em uma disciplina teórica de um curso de formação de professores”, a professora Magali Reis, da Pós-graduação em Educação da PUC Minas, relata uma disciplina que agrega expedientes do ensino, da extensão e da pesquisa de forma harmoniosa; recentemente finalizada, mas com o respaldo de longa trajetória nesta disciplina, a docente apresenta o percurso adotado, as estratégias e resultados obtidos, refletindo criticamente sobre a adoção de abordagem extensionista na formação de graduandos da Pedagogia. Evidencia que, mais do que propiciar a interlocução com a realidade – no caso, as escolas infantis, integrantes da educação básica – os ganhos são amplos, tanto às futuras professoras quanto àqueles que se dispõem a integrar efetivamente a tríade universitária.

No sexto artigo, “A curricularização das práticas de extensão na PUC Minas”, as professoras Lucimar Albuquerque (Psicologia) e Márcia Colamarco (Fisioterapia), responsáveis pela Coordenação Setorial de Projetos Pedagógicos de Cursos, auxiliadas por

Tatiane Moreira (funcionária) e Brenda Kelly Borges (estagiária, graduanda em Letras PUC), mostram quão extenso, intenso e complexo tem sido o processo de curricularização das práticas de extensão na PUC Minas.

Partindo do aporte legal que respalda tal consolidação, as autoras mostram os inúmeros desafios de inserir efetivamente as práticas extensionistas nas disciplinas de todos os cursos, de todos os departamentos e *campi* da universidade. Com um olhar crítico sobre o papel da Extensão em sua dimensão formativa, do amparo legal que impele a todas as Instituições de Ensino Superior à conquista de 10% da grade horária para as modalidades extensionistas, as autoras refletem, com sensibilidade, sobre as mudanças paradigmáticas que tais injunções promovem.

O sétimo texto constitutivo é uma resenha, produzida pela graduanda de Odontologia, Alice Carvalho Leite, da obra **Extensão e Ação Comunitária: o Aprendizado pela Extensão e a Ação Apreendida na Extensão**, organizada pelos professores Josué Lazier e Ismael Valentin. Trata-se de uma coletânea com 11 artigos, que cria um panorama bem revelador dos diferentes modos de fazer e avaliar a Extensão, dos desafios e alternativas pensadas, que podem servir de inspiração para novas investidas em realidades outras, Brasil afora.

Por fim, a entrevista concedida pelo sociólogo e professor da pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Marcelo Baumann Burgos, permite uma leitura bastante crítica e lúcida do cenário atual que experimentamos em nosso país. Ele fala também, com grande propriedade, do valor da educação e da escola pública, da Extensão como prática formativa, enfim, ajuda-nos a desvelar e deslindar bastantes liames da realidade com que defrontamos nos dias que correm...

Como se pode constatar, há discussões de variada natureza, envolvendo temas e revelando metodologias, abordagens, leituras e constatações. Mais do que meramente informar, acredito que as leituras aqui disponibilizadas poderão ajudar a conhecer ...

Finalizando, parafraseio um slogan que ouvi e me fez pensar – descolando-o da fonte em que circulava, e revestindo-o no bojo do que foi discutido sobre este volume de **Conecte-se!**, penso que seja válida a máxima de que, “quando mais interesses você tem, mais interessante fica”...

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SÍVERES, Luiz. **Universidade: Torre ou Sino?** Brasília /DF: Universa, 2006.